

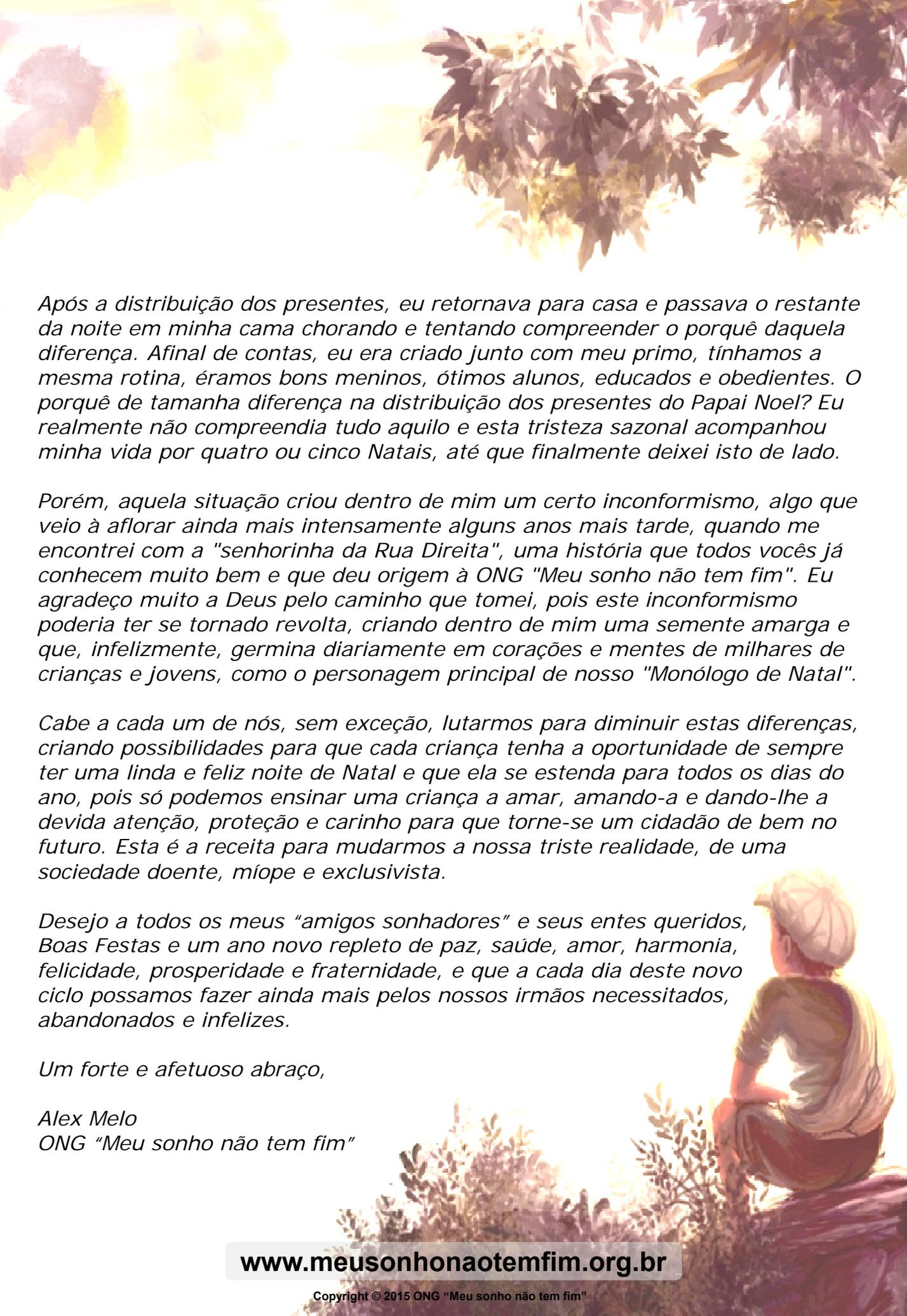
Queridos amigos sonhadores,

Minha mensagem deste final de ano seguirá o roteiro de anos anteriores, onde reflexões como "A menina dos fósforos" e "Natal no mundo virtual" mostra-nos um outro lado das festividades, um universo de milhões de pessoas em nosso país e pelo mundo afora. Além disso, o "Monólogo de Natal", do poeta alagoano Aldemar Paiva, também tem o poder de me transportar para minha infância, época que sempre despertou sentimentos dúbios em meu coração.

Venho de uma família muito simples, mas nunca me faltou aquilo que eu realmente precisava para ser feliz e tive uma infância maravilhosa. Obviamente, ocorreram alguns incidentes de percurso, como uma broncopneumonia quando ainda era pequeno, consequência do banheiro fora de casa. No entanto, lembro-me desta época com saudades e sou grato a Deus por ela ter sido tão especial. Porém, tantas alegrias davam espaço a uma tristeza anual... a chegada do Natal.

Como tenho uma irmã três anos mais velha e um irmão dez anos mais novo, fui criado com um primo da mesma faixa etária e que era como um irmão para mim. Não nos desgradávamos. Ele era filho do tio mais bacana da família, aquele que tinha o melhor carro, a melhor condição financeira e um magnetismo junto as crianças que o acompanhou por toda a sua vida.

Nas noites de véspera de Natal nos reuníamos na casa de minha bisavó e todos os presentes que seriam trocados à meia noite ficavam escondidos, causando uma grande expectativa entre as crianças, dentre elas eu e meu primo. Quando soavam as doze badaladas da meia noite, todos se cumprimentavam e após alguns minutos as crianças sentavam-se para a distribuição dos presentes no famoso "de, para"... Eu sentava ao lado do meu primo e aos poucos o via desaparecer em meio a tantos brinquedos - muitas vezes até duplicados - e eu sempre terminava a noite com um par de meias, algumas cuequinhas e quando tinha alguma sorte um carrinho de ferro.



Após a distribuição dos presentes, eu retornava para casa e passava o restante da noite em minha cama chorando e tentando compreender o porquê daquela diferença. Afinal de contas, eu era criado junto com meu primo, tínhamos a mesma rotina, éramos bons meninos, ótimos alunos, educados e obedientes. O porquê de tamanha diferença na distribuição dos presentes do Papai Noel? Eu realmente não compreendia tudo aquilo e esta tristeza sazonal acompanhou minha vida por quatro ou cinco Natais, até que finalmente deixei isto de lado.

Porém, aquela situação criou dentro de mim um certo inconformismo, algo que veio à aflorar ainda mais intensamente alguns anos mais tarde, quando me encontrei com a "senhorinha da Rua Direita", uma história que todos vocês já conhecem muito bem e que deu origem à ONG "Meu sonho não tem fim". Eu agradeço muito a Deus pelo caminho que tomei, pois este inconformismo poderia ter se tornado revolta, criando dentro de mim uma semente amarga e que, infelizmente, germina diariamente em corações e mentes de milhares de crianças e jovens, como o personagem principal de nosso "Monólogo de Natal".

Cabe a cada um de nós, sem exceção, lutarmos para diminuir estas diferenças, criando possibilidades para que cada criança tenha a oportunidade de sempre ter uma linda e feliz noite de Natal e que ela se estenda para todos os dias do ano, pois só podemos ensinar uma criança a amar, amando-a e dando-lhe a devida atenção, proteção e carinho para que torne-se um cidadão de bem no futuro. Esta é a receita para mudarmos a nossa triste realidade, de uma sociedade doente, míope e exclusivista.

Desejo a todos os meus "amigos sonhadores" e seus entes queridos, Boas Festas e um ano novo repleto de paz, saúde, amor, harmonia, felicidade, prosperidade e fraternidade, e que a cada dia deste novo ciclo possamos fazer ainda mais pelos nossos irmãos necessitados, abandonados e infelizes.

Um forte e afetuoso abraço,

*Alex Melo
ONG "Meu sonho não tem fim"*

Monólogo do Natal

Aldemar Paiva

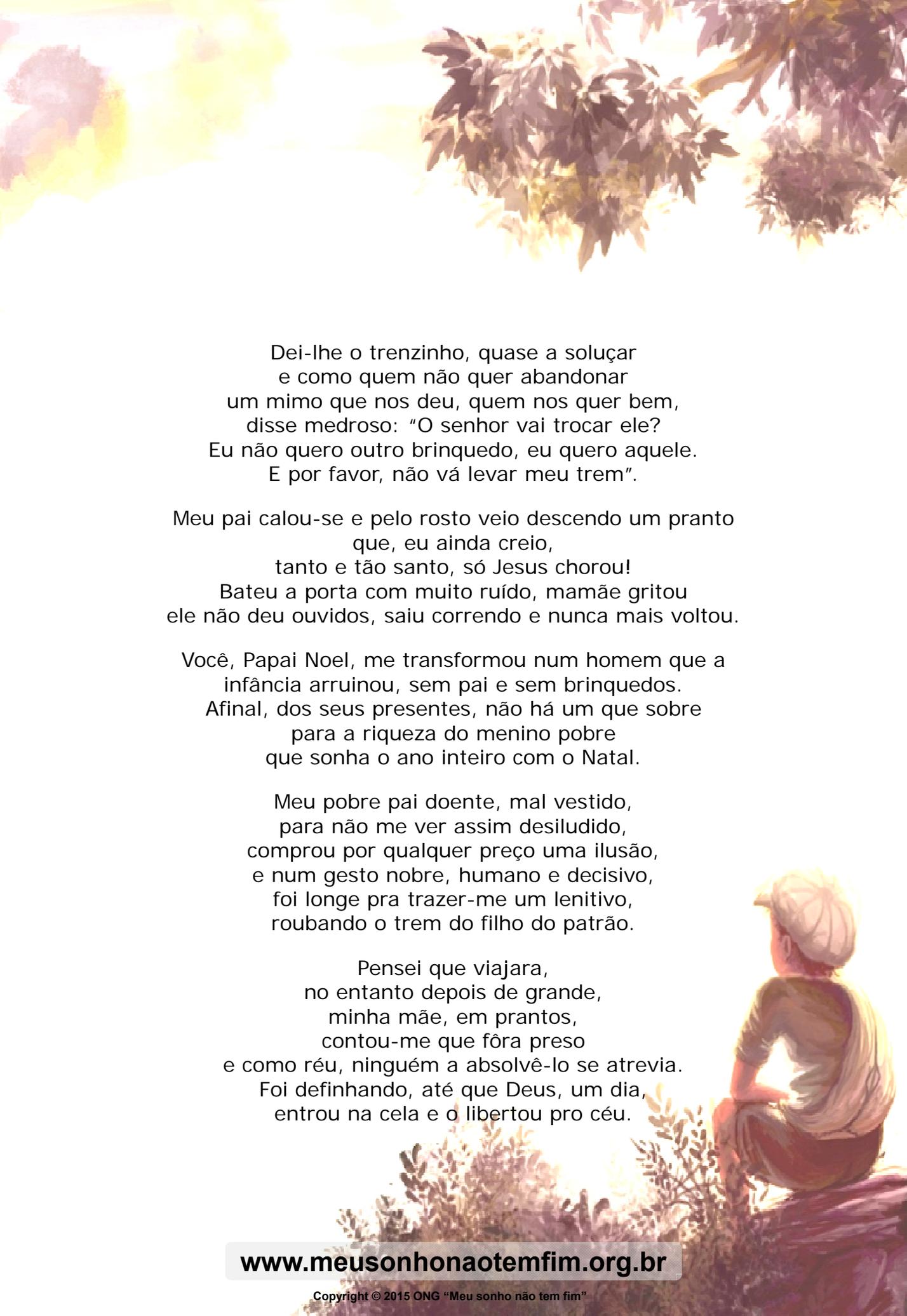
Eu não gosto de você, Papai Noel!
Também não gosto desse seu papel
de vender ilusões à burguesia.
Se os garotos humildes da cidade
soubessem do seu ódio à humildade,
jogavam pedra nessa fantasia.

Você talvez nem se recorde mais.
Cresci depressa, me tornei rapaz,
sem esquecer, no entanto, o que passou.
Fiz-lhe um bilhete, pedindo um presente
e a noite inteira eu esperei, contente.
Chegou o sol e você não chegou.

Dias depois, meu pobre pai, cansado,
trouxe um trenzinho feio, empoeirado,
que me entregou com certa excitação.
Fechou os olhos e balbuciou:
"É pra você, Papai Noel mandou".
E se esquivou, contendo a emoção.

Alegre e inocente nesse caso,
eu pensei que meu bilhete com atraso,
chegara às suas mãos, no fim do mês.
Limpei o trem, dei corda,
ele partiu dando muitas voltas,
meu pai me sorriu e me abraçou pela última vez.

O resto eu só pude compreender quando cresci
e comecei a ver todas as coisas com realidade.
Meu pai chegou um dia e disse, a seco:
"Onde é que está aquele seu brinquedo?
Eu vou trocar por outro, na cidade".



Dei-lhe o trenzinho, quase a soluçar
e como quem não quer abandonar
um mimo que nos deu, quem nos quer bem,
disse medroso: "O senhor vai trocar ele?
Eu não quero outro brinquedo, eu quero aquele.
E por favor, não vá levar meu trem".

Meu pai calou-se e pelo rosto veio descendo um pranto
que, eu ainda creio,
tanto e tão santo, só Jesus chorou!
Bateu a porta com muito ruído, mamãe gritou
ele não deu ouvidos, saiu correndo e nunca mais voltou.

Você, Papai Noel, me transformou num homem que a
infância arruinou, sem pai e sem brinquedos.
Afinal, dos seus presentes, não há um que sobre
para a riqueza do menino pobre
que sonha o ano inteiro com o Natal.

Meu pobre pai doente, mal vestido,
para não me ver assim desiludido,
comprou por qualquer preço uma ilusão,
e num gesto nobre, humano e decisivo,
foi longe pra trazer-me um lenitivo,
roubando o trem do filho do patrão.

Pensei que viajara,
no entanto depois de grande,
minha mãe, em prantos,
contou-me que fôra preso
e como réu, ninguém a absolvê-lo se atrevia.
Foi definhando, até que Deus, um dia,
entrou na cela e o libertou pro céu.